

Apresentação

Nada mais oportuno do que a Revista do Centro de Filosofia e Ciências Humanas dedicar um número temático à discussão referente à inserção das múltiplas vivências do religioso na cultura brasileira. A oportunidade dessa discussão vem carregada de argumentos que reforçam a sua atualidade, em um momento em que, longe de fossilizar-se, a religião adquire visibilidade ímpar no mundo atual, contradizendo as análises que previam sua retração no ocidente moderno. Por outro lado, essa publicação vem ao encontro de uma produção há muito firmada no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, em diferentes Departamentos. Falando-se do Departamento de História da UFSC, espaço institucional de onde provêm a maioria dos redatores desse número, consolidaram-se as investigações sobre a temática religiosa, que passaram a ser uma de suas características distintivas. Em função dessa realidade houve a criação do Laboratório de Religiosidade e Cultura, que integra as pesquisas de docentes e discentes do Departamento de História referentes à temática religiosa. Especificamente no Programa de Pós-Graduação em História, a religião aparece como temática frequente, tanto nas dissertações de mestrado já defendidas, quanto nos projetos de pesquisas de seus docentes.

Essa publicação vem ao encontro de toda uma discussão, que repensa os contornos da religião, em uma conjuntura marcada pela saliente presença da motivação religiosa na tessitura social. Para muito além do meramente denominacional, a religião insere-se com uma saliente força na sociedade e na cultura desse início de milênio, relacionando-se direta ou indiretamente com ações coletivas extremamente importantes e desafiadoras, sugerindo a necessidade de intensificar-se os estudos nesta área.

Neste número apresentam-se trabalhos como o do cientista da Religião, Pierre Sanchis, da UFMG, que em seu artigo “No mapa das religiões, há lugar para a religiosidade?” trata sobre o lugar do fenômeno religioso no mapa da Teoria da Religião, onde, ao propor uma nova conceituação, revela a carga depreciativa que a categoria “religiosidade” freqüentemente assume nas propostas epistemológicas. O professor da UNISINOS, Martin Dreher, procura entender, em seu trabalho “Palavra e imagem: a reforma religiosa do século XVI e a arte”, as razões da sedimentação de uma arte e de uma cultura protestante aqui no Brasil a partir de um estudo que evidencia no iconoclasmo e na arte dos mestres protestantes do século XVI as origens desta especificidade religioso-cultural. A contribuição da cientista social da UNISUL, Neide Fiori, “Religiosidade e civismo entrelaçados: os congressos de brasilidade”, dá prioridade à análise do civismo e da religiosidade católica no período entre os anos de 1941 e 1944, momento em que são realizados os congressos de brasilidade. Artur Isaia, historiador e professor da UFSC, no seu trabalho “Hierarquia católica e religiões mediúnicas no Brasil da primeira metade do século XX”, analisa o discurso produzido pela hierarquia católica pré-conciliar sobre a proliferação das chamadas religiões mediúnicas. No artigo “A igreja do Brasil e o Plano de Emergência (1952/1962)”, o historiador da Religião da UFPR, Euclides Marchi, reflete sobre o projeto de renovação eclesial e de reforma social católica no período pós segunda guerra mundial. Dentro deste mesmo contexto histórico-eclesial, o professor e historiador Rogério Souza, da UFSC, escreve sobre “A ação da Igreja católica na redefinição da cultura do trabalho rural” ao promover uma política de higienização dos espaços sociais e de fomento à produção agrícola em vista de um desenvolvimento econômico nacional brasileiro. O também historiador da Religião, Norberto Dallabrida, da UDESC, em seu artigo “Ascetismo jesuítico e

disciplina escolar”, faz um estudo a respeito da maquinaria escolar jesuítica do Ginásio Catarinense no período da primeira República, analisando a produção do conhecimento e os dispositivos reguladores e disciplinadores do tempo e do corpo dos sujeitos em formação. Da UFMS, o professor Jérri Marin, em “História e historiografia da romanização: reflexões provisórias”, discute as duas tendências historiográficas sobre o processo de romanização no Brasil: uma que trata a romanização com um processo vitorioso e homogêneo e outra que ressalta os elementos díspares e descontínuos desse processo. Por fim, a partir de um estudo de caso, “O crime do padre: do mito ao esquecimento”, a pesquisadora Eliane Colussi, da UPF, faz uma abordagem teórico-empírica sobre o processo de construção e de desconstrução do mito ao recuperar o episódio do crime de um padre na cidade de Passo Fundo em 1970.

Como se evidencia, cada vez mais são os estudos e as formas diversas de abordagem do fenômeno religioso-cultural. Transitando pelas Ciências da Religião, Psicologia, História, Ciências Sociais e Educação, esta área de pesquisa se constitui como um referencial teórico-analítico das realidades relacionais e históricas, uma tentativa a mais de resposta aos intrincados caminhos de compreensão do “real-ainda-não-visto”.

Artur Isaia e Rogério Souza
Departamento de História da UFSC
Laboratório de Religiosidade e Cultura - LARC